Barão de Studart

BOANERGES FACÓ

E'-me sobremodo honroso falar sôbre Guilherme Studart — "O Grande Benemérito" do **Instituto do Ceará**, que é bem a "Casa" de Studart.

Faz hoje precisamente 98 anos que veio ao mundo, em Fortaleza, Guilherme Studart, posteriormente Barão de Studart por breve de Sua Santidade Leão XIII, o eminente e sábio Papa da **Rerum Novarum**, e interferência de Dom Joaquim José Vieira, 2º Bispo do Ceará.

Era filho do súdito britânico John William Studart, vice-cônsul inglês no Ceará, e de dona Leonísia de Castro, rebento de destacada e conhecida família cearense.

Morreu-lhe o pai, deixando-o bem moço com a dupla responsabilidade de fazer-se na vida e fazer a família numerosa, que o súdito de Sua Majestade britânica deixava em sérias dificuldades econômicas, de vez que a prosperidade comercial de que gozara teve de desaparecer em más transações comerciais, que obrigavam o jovem acadêmico de Medicina tornar-se professor no estabelecimento de ensino em que fizera brilhante curso secundário.

O pai de Studart bem cedo compreendeu o acendrado amor do primogênito ao trabalho e estudos. Assim é que aos 12 anos de idade levou-o para a Bahia e o deixou aos cuidados de Abílio César Borges, diretor do Ginásio Baiano e futuro Barão de Macaúbas, já famoso educador brasileiro.

O jovem estudante fizera o curso primário, aliás bem aproveitado, no Ateneu Cearense, de grata lembrança, que tivera a direção dos dois Costa Mendes. A conduta, a aplicação e o aproveitamento do menino Studart o creditavam à entrada no notável estabelecimento de ensino de Salvador. Ali a sua reputação de estudante inteligente e aplicado consolidou-se e confirmou-se perante mestres e condiscípulos com grande aproveitamento intelectual.

Um dia coube-lhe o prêmio de medalha de ouro e retrato no quadro de honra do Salão nobre do estabelecimento, prêmio que cabia a limitado número de alunos. Essa distinção máxima ainda mais se destacava por haver ao lado outro quadro de alunos agraciados com medalha de prata, e nessa galeria de segunda ordem havia, entre outros nomes, os de Rui Barbosa e Castro Alves — os dois maiores Baianos, ou melhor, Brasileiros, na sua feição particular de maior poeta e de maior constitucionalista do Brasil, na sua qualidade de condor da poesia social e de paladino das liberdades no Brasil.

Não estou, Senhores do Instituto, estabelecendo paralelo entre Studart e os dois gigantes da intelectualidade brasileira, porque êles, Rui e Castro Alves, na sua significação particular, não admitem paralelo com qualquer outro brasileiro. Quero apenas salientar o milagre da aplicação aos estudos de uma inteligência menor sôbre inteligências mesmo geniais.

Há um fato na vida do estudante do curso secundário, Studart, que não devo e nem quero silenciar. O Ginásio Baiano, transformado em Colégio de São José, de propriedade do Cônego Dr. João Nepomuceno da Rocha, homem de grandes virtudes e nobres qualidades de caráter, manteve a sua fama anterior de modelar estabelecimento de ensino. Studart estava ainda no acabamento do curso de preparatórios, quando um dia divergiu de seu professor na solução de certo ponto de ciência. O professor era competente e senhor da disciplina ministrada mas, vaidoso de seu saber e competência, não admitia que um aluno viesse a divergir de seu ponto de vista. Mas Studart, altivo e cônscio de estar certo na divergência

suscitada, não se submeteu aos caprichos do professor, o que provocou luta entre mestre e discípulo, luta, a princípio surda, mas que se divulgou entre mestres e alunos, interessando ao próprio diretor. Afinal o professor entendeu de aplicar nota má numa lição de Studart, o que causou revolta a todos no Colégio. Mas o digno Diretor, colocando-se ao lado da vítima e contra a prepotência do mestre, numa atitude discreta e louvável, dispensou naquele dia a leitura do que se passara no estabelecimento.

Guilherme Studart devia deixar o colégio na conclusão de seu curso de preparatórios, mas um convite do Diretor fê-lo permanecer ali na qualidade de professor de Inglês e de Geografia e História do Brasil. Era uma **chance** à vocação de quem mais tarde viria a ser o beneditino da história de sua terra natal. Assim, ingressou na Academia de Medicina, mas continuou no Colégio a estudar e lecionar história, matéria que no futuro seria o máximo de seu saber e cultura especializados.

Aos 21 anos de idade, Studart, em 15 de outubro de 1877, concluía o curso médico e defendia tese com distinção, com matéria nova: empregos terapêuticos da "Eletricidade", que, no futuro próximo, daria nova idade à Humanidade. Assim, aos 12, 16 e 21 anos de idade, êle concluía com brilhantismo os cursos primário, secundário e superior, deixando um nome aureolado e respeitado no **Ateneu Cearense**, no **Colégio Baiano** e na **Academia de Medicina** para onde, conforme oferecimento que lhe fizeram, devia voltar, como professor, uma vez que estava disposto a submeter-se a concurso de uma das cadeiras vagas da Academia da Bahia.

* * *

Joaquim Nabuco, estudando "Os Lusíadas" e seu genial autor, em memoráveis conferências na América do Norte, disse que a adversidade na vida de Luís de Camões fôra fato capital para êle e sua pátria. Se a vida lhe houvesse corrido à

feição, Camões não teria ido às Indias e, sem essa viagem, jamais êle teria imaginado o imortal poema épico. Se houvesse ido à Itália teria sido, admita-se, o poeta da Renascença, mas jámais o poeta da nação portuguêsa.

À semelhança dêsse comentário de Nabuco aconteceu com Guilherme Studart. Se êle, quando voltou ao Ceará, em janeiro de 1878, segundo ano de sua maior sêca no XIX século, não tivesse encontrado a sua província natal assoberbada pela terrível crise climática e seu querido genitor, que faleceu logo em fevereiro seguinte, em embaraçosas dificuldades financeiras, cercado de numerosa família por educar e mesmo por criar, e êle próprio por colocar-se e encaminhar-se na vida, teria voltado à Bahia. Mas, em bôa hora, êle teve de ficar no Ceará para enfrentar o **struggle for life** e cuidar da numerosa irmandade, de modo que teve de ser um forte e notável patriarca na flor dos anos. Assim, a Escola da Bahia teve de perder, decerto, um grande professor, mas a cronologia do Ceará teve de ganhar o seu destacado beneditino.

Uma vez no Ceará, Guilherme Studart foi nomeado pelo presidente Ferreira Aguiar médico dos retirantes em Maranguape e, logo após, tomou conta do abarracamento do **Alto da Pimenta** e creditou-se pela abnegação ao próximo, solicitude à miseria humana e intrepidez no enfrentar a peste e a fome que assolavam a capital da província numa voracidade de extinguir a população faminta e empestada, numa cifra de 1.004 vítimas humanas num dia.

A pecuária se extinguia e a lavoura desaparecia, à medida que o flagelo se prolongava. As porteiras dos currais se fechavam na ausência de gado de qualquer espécie e as cancelas dos brejos se abriram à desolação, sem que qualquer vivente lhes perturbasse a paz de cemitério. O espectro da peste e da fome cobriam campos e cidades, numa comburência trágica e dantesca.

A abnegação de Studart à calamidade reinante, a solicitude à dor alheia e a intrepidez aos horrores da peste se prolongaram pelas administrações José Júlio e Fleury. Êsses ser-

viços de Studart foram reconhecidos e proclamados, tanto que se disse: "Minha Senhora, dizia um dia o Dr. Antônio José de Melo, à tia e madrasta de Guilherme Studart, minha senhora aquêle seu sobrinho está cometendo verdadeiras loucuras; esquece-se da família, mata-se de fadiga no abarrancamento" (Apud. Farias Brito, Rev. Academia Cearense, Tomo II-1897, pág. 161).

Assim, Studart foi um patriarca e um patriota.

E' que o seu bem formado coração tinha uma característica: a caridade, essa caridade que se evidenciou na crise climática e se prolongou na presidência da Sociedade de São Vicente de Paulo — o gênio da Caridade, que de humilde pároco de aldeia se transformou no gigantesco apóstolo da caridade universal, de vez que se multiplica aos milhares e milhares pelo orbe inteiro nas suas humildes e abnegadas Filhas que "amam a Deus sôbre todas as cousas e ao próximo como a si mesmo".

Studart foi testemunha e participante da libertação dos escravos — a página, talvez, maîs brilhante e significativa da história tri-secular de nosso querido Ceará. Êle não teve o ardor, a exaltação e mesmo a culminância no movimento libertador de Frederico Borges, Antônio Bezerra, Antônio Cruz e Joaquim Marrocos que firmaram o documento infra:

> "Nós abaixo assinados, membros da terrível sociedade Libertadora Cearense, restituimos à liberdade o cidadão Fulano... e ordenamos-lhe que, se pretender voltar à terra de sua residência, o seu senhor quiser obrigá-lo ao cativeiro, o poderá matar com uma faca bem grande, que lhe atravesse o coração de uma banda para outra".

A êsse documento não lhe negariam assinatura José do Amaral, Antônio Martins, Carlos Jataí e outros libertadores. Mas isso era avesso ao temperamento e feitio de Studart que era patriota, abnegado amante da liberdade, mas dentro da

ordem, da disciplina e da lei. Por isso, estou certo que êle recusaria o juramento de João Cordeiro, sob punhal, na **Sala de Aço**, para matar e morrer ou desobediência formal à lei e às autoridades, à maneira do Dragão do Mar. Mas o seu amor à lei e à ordem não chegava à obediência cega e ao servilismo, tanto que tinha a coragem cívica e a altivez viril de enfrentar em reuniões públicas em prol da libertação, a Patrocínio e a Frederico Borges, dois temperamentos exaltados e violentos.

Assim é que surgiu ao lado da "Sociedade Cearense Libertadora", o "Centro Abolicionista 25 de Dezembro", cujo nome já envolvia os estos de cristianismo, de que faziam parte os moderados: Studart, João Lopes Filho, Joaquim Catunda, Meton de Alencar; Antônio Leal e outros libertadores.

Cearense Libertadora e **Centro Abolicionista** eram jacobinos e girondinos, em campos diferentes, a trabalhar para o mesmo fim — a libertação geral dos escravos da Província do Ceará. Uns trabalhavam na "montanha" e outros na "planície". Os do "Centro", Studart e outros na **planicie**, e os da "Libertadora", João Cordeiro e seus companheiros, na **montanha**, sem a dispensa do próprio elemento feminino com Maria Tomásia, Maria Teófilo e outras mulheres abnegadas e destemidas.

Assim, Studart um patriarca, um patriota e um libertador.

Guilherme Studart fêz-se homem no meio da "questão religiosa", da "questão militar" e das crises políticas, sem nelas se envolver como combatente de qualquer das hostes que se enfrentavam, que se digladiavam e lutavam sob a rubra bandeira pelo triunfo da causa, mas sem se desinteressar pela consequência dessas lutas contrárias à sua conduta social. Foi testemunha do "positivismo" dos quartéis, da propaganda da ciência alemã contida no "monismo" de Ernesto Haeckel, sem se envolver em suas discussões. As doutrinas de Augusto Comte e de Herbert Spencer, sob o crivo de Farias Brito, não passavam, respectivamente, do ceticismo e do materialismo da filosofia grega, não o seduziam e nem arrastavam para o cam-

po das polêmicas. Por isso Farias Brito, que se não deixou dominar pelo espírito do século, mas que discutiu tôdas as doutrinas filosóficas do XIX século, embora para as contestar e rejeitar, escreve:

> "Guilherme Studart é temperamento essencialmente religioso. Não faz a crítica da religião, nem cogita de acompanhar sôbre êste ponto o movimento do século.
>
> Aceita a fé de seus pais, e se bem que aceite conscientemente, não tenta passar daí, e, se tem dúvidas a respeito da infabilidade desta fé, procura calá-las, obedecendo, como tantos outros, menos às exigências da razão que aos impulsos do temperamento" (Revista, tomo e ano cits. pág. 156).

A palavra de Farias Brito, nesse ponto, na qualidade de contemporâneo e amigo de Studart, tem a máxima importância, e por isso faço mais uma citação do imortal e maior filósofo do Brasil:

> "Guilherme Studart não ultrapassou os limites do catolicismo, não se elevou à concepção dos altos problemas que trazem hoje em profunda agitação o pensamento religioso. E' católico simplesmente, mas em todo o caso católico esclarecido que não só conhece e é capaz de defender os princípios de sua religião, como às vêzes igualmente se arrisca a tentar dar combate a seus adversários. E' assim que, já quando estudante na Bahia, tomou parte, e, ao que me dizem, parte ativíssima, nessa chamada "Questão Religiosa" que tão vastas proporções tomou naquêle tempo, batendo-se com tenacidade maçons contra católicos e católicos contra maçons na Bahia" (Revista, tomo e ano cits. pag. 157).

Studart não fazia crítica literária, científica ou filosófica. Acumulava, pacientemente, datas e fatos, para que outros lhes tirassem o significado. E' êle próprio que confessa que "praticando assim obedecia a um plano que me tracei de há muito — o de ir acumulando materiais para o futuro historiador do Ceará.

Assim, Studart um patriarca, um patriota, um libertador e um católico.

Guilherme Studart, depois do desastre financeiro do pai e morte do mesmo, lutou contra a sorte adversa para se colocar, trabalhar pela família, no auxílio a irmãos na conquista de pergaminhos de medico (dois), de farmacêutico (dois também) e de bacharel em Direito (ainda (dois). Venceu à custa de trabalho honesto e cotidiano e conquistou mesmo uma situação de abastança (tornou-se mesmo rico) que lhe garantiu confôrto e meios suficientes para se entregar de corpo e alma a duas ocupações que lhe fôram as principais características na longa vida: a cronologia do Ceará e a "Sociedade de São Vicente de Paulo".

E' que Studart foi um vicentino na sua dupla função de bom católico e autêntico caridoso.

Farias Brito ainda escreve sôbre Studart:

"Há mesmo um quer que seja de simples e ingênuo na sua linguagem como nos conceitos de que ordinàriamente se serve; sendo notável a tendência que nêle se observa para exagerar quando elogia, como para atenuar quando condena" (Revista, tomo e ano cits. pág. 167).

Eis a bondade personificada sobrepondo-se à individualidade do literato e do historiador. Essa ingenuidade simples e bôa, que encanta e enternece, é característica em Studart e em sua ilustre família.

Studart, possuindo vasta e magnífica biblioteca, tipografia própria para a publicação de seus trabalhos, grandemente lido e intensamente viajado pelo país e pelo estrangeiro, em contacto pessoal com sumidades nacionais e estrangeiras, algumas de fama universal, sobretudo em relação à sua especia-

lidade, passou a estudar a história do Ceará nas suas fontes, pesquisando-lhe as origens e trazendo à superfície excelentes esclarecimentos, e a exercer o apostolado da caridade na Sociedade vicentina.

Capistrano de Abreu, cujo centenário de nascimento a Nação acaba, intensa e brilhantemente, de festejar, e o maior sabedor de nossa História, assim falou sôbre Studart:

> "Dos sócios do Instituto do Ceará nenhum se avantaja ao Dr. Studart em dedicação à história do torrão natal. Os outros cultivam-na nas horas vagas; êle abandonou tudo para se entregar a ela. Pesquisas aturadas, viagens aquém e além mar, cópias dispendiosíssimas, quando êle próprio não as podia extrair, a montagem de uma oficina tipográfica para a impressão de seus escritos, ainda não esgotam a lista de tudo quanto tem feito" (Apud Eusébio de Sousa, "Meio Século de Existência" 1887-1937, pág. 52).

Pedro de Queirós, seu amigo e companheiro de tertúlias literárias, no seu estilo pessoal, sintético e escorreito, escreve sôbre Studart:

> "Percebeu nas tintas da primeira diligência intelectual — palpitar na letra fria da crônica — o esto da vida passada. Acurado olhou-a, observou-a atento. Sacudiu-a e apanhou-a e limpou a compacta camada de poeira — que a embrulhava e no-lo mostra asseada e renascida a estuar em vibrações infinitas.
>
> Sacudido de rara coragem cívica, amarrado nas prisões do torrão natal — devotou-se ao rasgamento da bruma — que envolve os nossos dias idos, à prática da vida de nossos avoengos e publica as datas e fatos do Ceará — desde o seu amanhecer

> para a história com o seu ínclito e enérgico fundador Martim Soares Moreno até o dia derradeiro do Império, de 1603 a 1889" (Revista, tomo e ano cits. pág. 217).

Vieira Fazenda, o sabedor máximo das cousas locais do Distrito Federal, diz que Studart no norte do Brasil é o diretor mental da História do Ceará.

O Barão de Studart era inglês pelo Vice-Consulado de Sua Majestade britânica, mas era cearense pelo nascimento, era cearense pela ascendência materna, era cearense pelos serviços prestados à história do Ceará, era cearense pelas atividades desenvolvidas no Conselho vicentino. Tôdas essas grandes e inestimáveis parcelas dão essa soma imensa: Guilherme Studart — cearensíssimo.

Por isso alguém escreveu sôbre Studart:

> "Capistrano de Abreu, devotando-se ao estudo das cousas do Brasil, mais fàcilmente se gloriou. O Barão de Studart merece, talvez, maior amor e gratidão do Ceará pelo seu devotamento contínuo e sem tréguas pela história particular do Estado natal. Capistrano de Abreu é muito brasileiro, o Barão de Studart é mais cearense" (Eusébio de Sousa, Op. cit. pág. 53).

A obra de Studart sôbre o Ceará é vasta, minuciosa e, tanto quanto possível, exata, em seus documentos e manuscritos aos milhares, em suas **datas e fatos,** na tríplice significação — Ceará-colônia, Ceará-província e Ceará-estado, nas suas efemérides, num abraço tri-secular, e nas suas biografias de filhos do Ceará, às centenas, constituindo um **Vade Mecum** para quem estuda a história do Ceará.

Tudo em Studart é vasto. Assim é que deixou dezenas e dezenas de escritos e alocuções na qualidade de presidente per-

manente do Conselho vicentino.

O número de pessoas de valor, algumas de valor excepcional, que têm escrito sôbre Studart, atesta o seu grande mérito intelecual e sua personalidade marcante nas letras cearenses: Rocha Pombo, Capistrano de Abreu, Afonso de Taunay, Escragnolle Dória, Farias Brito, Rodrigues de Carvalho, Maximiliano Lemos, Cônego Ulisses Pennafort, Cruz Abreu, Pedro de Queirós, José Piragibe, Hugo Vítor, Eusébio de Sousa e Juvêncio Barroso.

Já são muitos os que têm escrito sôbre a história de nosso querido Ceará, desde o Cons. Tristão de Alencar Araripe, o mais antigo, até Raimundo Girão, o mais recente, mas o lugar de Guilherme Studart, até o momento, é único, ninguém ainda o superou em **datas e fatos**, de modo que êle continua a ser o Beneditino, com B maiúsculo, da cronologia do Ceará.

O Barão de Studart viveu longamente e por isso as suas benemerências se estendem pelos cinquentenários: 50 anos de **Instituto do Ceará**, 50 anos de **Revista do Instituto do Ceará**, 50 anos de Vice-Conculado britânico, 50 anos de produções litero-históricas e científicas, 50 anos de congressos médicos e literários e 50 anos de associações literárias e científicas a que pertenceu o "Grande Benemérito" do **Instituto do Ceará**, que será sempre a sua **"Casa"**.

A maior paixão de Guilherme Studart, modernamente paixão número um, — a história do Ceará e sua grande segunda paixão: a catolicidade dentro da caridade cristã do Conselho Central da "Sociedade de São Vicente de Paulo".

Studart — o cronólogo das **Datas e Fatos** do Ceará e Studart — o beneditino do **Conselho Central** vicentino do Ceará constituem as suas duas grandes facetas de intelectual e de caritativo, que o imortalizaram nas páginas da **História do Ceará.**

(Palestra no **Instituto do Ceará** no dia 5 de janeiro de 1954)